

## AMAZÔNIA: UMA VISÃO QUE EMERGE DAS ÁGUAS<sup>1</sup>

*"Zeca Macedo, proprietário do barco 'Iane José', comunica a todos que estará fazendo recreio com destino a Janauacá, saindo dia 09 às 7:30 da Escadaria dos Remédios, escalando na ilha do Baixio, Curari, Muratu, Janauacá, até Caapiranga. Água mineral e cafezinho é grátis. Excelente tratamento à bordo. Você desfruta viajando pelo confortável barco 'Iane José'. Nosso amigo Zeca Macedo agradece a preferência".<sup>2</sup>*

Ricardo José B. Nogueira<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo procura expor uma série de questões sobre a Amazônia, principalmente a grande parcela da região que não teve seus fluxos alterados por rodovias ou não foram atingidas por qualquer grande projeto.

Destaca a significativa importância do transporte fluvial assim como uma gama de atividades ligadas à água, que demonstra

A intenção aqui é trazer algumas reflexões que já de alguns anos venho fazendo sobre a Amazônia e principalmente a respeito dos discursos sobre a mesma. Estas começaram a partir de um trabalho realizado sobre o transporte fluvial na região, em que me deparei com uma Amazônia que não era a dos discursos dominantes.

Em primeiro lugar gostaria de ressaltar que em poucos anos, mais ou menos trinta anos, esta região deixou de ser uma terra sem homens, como pregava o discurso oficial e militar, para ser uma terra de conflitos e nova fronteira para acumulação do capital, a partir dos grandes projetos, como destaca principalmente o discurso acadêmico, discurs-

um papel singular na mediação das relações sociais da região. Enfim, é uma contribuição para se pensar a Amazônia e suas populações originárias a partir delas próprias.

so que se por um lado contribuiu de forma decisiva para expor às claras as mais diversas formas de apropriação/uso recente da terra na Amazônia, com a

---

(1) Texto apresentado em Mesa Redonda por ocasião da comemoração do dia do Geógrafo, em 29/05/96, na cidade de Manaus.

(2) Anúncio de rádio local transmitido diariamente de Manaus no programa "Correspondente do interior", em ondas curtas, atingindo toda a bacia amazônica, destinado aos moradores das vilas dos rios e lagos.

(3) Professor do Departamento de Geografia da Universidade do Amazonas.

constituição de malhas públicas e privadas, visíveis ou não, por outro lado, tornando-se um discurso hegemônico, fez com que se consolidasse uma imagem de Amazônia, imagem que, embora real, não é total. Criou-se um obstáculo para pensá-la de outra maneira, talvez pelo fato de se privilegiar um viés apenas.

Assim, não penso em construir uma outra visão, outra imagem de Amazônia, até porque ela já existe. É preciso apenas fazê-la emergir do pesado manto que é o discurso do acontecimento dos grandes projetos.

Ainda que partindo do pressuposto de que o discurso é apenas incompleto e não irreal, acredito que algumas indagações devem ser postas. Porém, antes de fazê-las é necessário resgatar as origens do mesmo. Penso que a obra que inaugura e marca o temário é a de CARDOSO e MULLER (1977), tratando da expansão do capital na Amazônia. Descrevendo com precisão a ação do Estado através de vários planos e programas, e do capital privado, os autores passaram a ser referência obrigatória para quem quer "entender" a Amazônia. Seguem-se as obras de IANNI (1979, 1981), tratando da colonização na ditadura e a questão política do acesso à terra na região e as lutas e conflitos pela mesma. MARTINS (1982), abordando a migração, percebe a superposição de territórios como fruto do conflito: é a frente pioneira X frente de expansão. PINTO (1980) segue o rastro do saque, e BECKER (1982, 1990) procura analisar toda a geopolítica destinada à integração da região.

Acredito que não há contradição com o real nas obras destes autores. Como os mesmos pretendem-se a compreender o processo de incorporação da região à nação e ao mundo, e como as ações adotadas pelo Estado foram de forte impacto, constituindo-se um "fato importante", como poderiam os mesmos investigarem outra coisa? Afinal, grandes transformações estavam ocorrendo e continuavam a ocorrer na região.

O problema maior, penso, é que da mesma forma como a história da Amazônia foi contada a partir de grandes acontecimentos, começando pela

coleta das drogas do sertão e depois pelo período áureo da borracha, o momento atual conta a história dos grandes projetos. Todos estes eventos agiram e agem, de certa forma, como um holofote que, incandescendo o observador, impede de vê-lo algo além de sua luz. Basta ver o hiato existente entre a crise da borracha até os grandes projetos. Disto para a generalização é um passo. A Amazônia, portanto, aparece na atualidade como uma região que é sinônimo de devastação, conflitos, grandes projetos, conquistada na pata do boi, cortada por rodovias com os respectivos atores sociais e suas territorialidades específicas.

Apesar da validade desta leitura, que não pode deixar de falar do Estado e do capital, como se só isso ou só assim estes estudos ganhassem o caráter crítico ou estatuto científico, penso que a região para ser compreendida em sua totalidade deve ser lida também a partir de acontecimentos que, de forma quase imperceptível, dão vida à mesma, ou seja, como é a Amazônia que não foi afetada pelos grandes projetos?, pois é só dessa que se fala.

Em segundo lugar, é fundamental atentar-se para a velocidade da diferenciação interna que vem se processando na região. Contudo, antes de falar da diferenciação interna, constantemente produzida, é válido salientar a diferenciação dada pela própria: refiro-me a uma Amazônia que acontece nos vales dos diversos rios, nas várzeas, que ainda preservam um modo de vida peculiar e extremamente dinâmico no que diz respeito à produção e circulação ribeirinha, ainda que não possa ser chamado de moderno, mas que constitui uma rede própria. O moderno ou o capitalista está exatamente numa outra Amazônia, no seu espaço periférico, não inundável, propício para a instalação de grandes fazendas e rodovias. Esta é que tem sido o laboratório dos inúmeros estudos sobre a região. A outra está na sombra. Ou melhor, na água.

Quanto à diferenciação criada, produzida, esta fica mais evidente quando se percebe na paisagem por exemplo, as diversas estratégias para os diversos pontos do território amazônico, e, na combinação de fatores surgem reações distintas. Ora, por-

que o empate, processo de resistência ao desmatamento só ocorre no Acre? Por que não surgiram reservas extrativistas no Pará?

É inegável que a criação de toda uma infraestrutura rodoviária provocou mudanças substanciais numa região até então posta como isolada, com seus laços dados a partir da malha fluvial. Tempos distintos passam a conviver no mesmo espaço produzindo novas relações sociais e uma percepção diferente do processo de valorização do espaço e dos recursos aí contidos. Todavia, isto só pode ser verdadeiro para aqueles lugares em que a estrada chegou, pois ela trouxe consigo mesma o símbolo da modernização e suas conseqüências. No entanto, para aqueles lugares em que a mesma não atingiu, os ritmos continuam sem muita disparidade. E ela não chegou em muitos lugares. Tomando como exemplo o estado do Amazonas, apenas duas cidades, das sessenta e duas sedes de municípios, surgiram em torno de rodovias, e ambas estão envolvidas por projetos: a cidade de Presidente Figueiredo, às margens da BR-174, que liga Manaus à Boa Vista, é suporte da mineração de cassiterita da empresa Paranapanema; e Apuí, sede de um projeto de colonização agrícola e possível palco de futuros conflitos. Grande parte da calha central do rio Amazonas-Solimões não foi afetada por rodovias, e é aí que está a outra Amazônia.

Assim, fica difícil assimilar totalmente as afirmações como a feita por BECKER (1990) de que “altera-se drasticamente o tempo e o espaço regionais; e as relações, que por via fluvial se faziam em meses e dias, passam a se contar em termos de horas”. O verbo colocado no passado parece querer indicar o fim da mobilidade por via fluvial. Da mesma forma vamos encontrar em GONÇALVES et alli (1994) afirmações como: “Um novo processo de ocupação que se tem verificado, nos últimos 30 anos, em torno das rodovias e ferrovias tira dos rios o eixo da organização social e ecológica do espaço amazônico”; ou ainda afirmar que “o padrão rio-várzea foi bruscamente substituído pelo padrão rodovia-ferrovia, terra-firme e sub-solo”. Isto produz o efeito de abafar

tudo que ocorre nas várzeas amazônicas.

Só para deixar evidente, a Capitania dos Portos AM/PA, por exemplo, estima que circulam na Amazônia mais de 100 mil embarcações de diversos tipos, desde as de uso particular, com várias dimensões, barcos de pesca, até as embarcações que estão transportando cargas e passageiros, atendendo os fluxos inter-regional e intra-regional, operadas por grandes empresas e ribeirinhos; as maiores cidades da Amazônia estão às margens dos rios e polarizam outras tantas na mesma localização e condicionadas a um mundo fluvial; e as estatísticas do I.B.G.E. indicam que 48% da população é rural. Sabemos, no entanto, que nem todos estão nas várzeas.

É surpreendente verificar também as análises em torno da questão dos atores sociais. Emergem apenas índios e seringueiros, como se só estes compusessem a sociedade amazônica originária. Isto é compreensível porque foram os mais vulneráveis ao processo de incorporação da região, porque situados na rota das rodovias. Ainda podemos perguntar: as cidades que estão às margens dos rios e que foram atingidas por rodovias substituíram, realmente, seus laços com a via fluvial? Até mesmo o camponês ou o posseiro de que se fala na Amazônia são aqueles que chegam por rodovias. E mesmo, por que não considerar o colono também como “estranho”, na medida em que este se defronta com a população local impondo uma relação de superioridade, vendo no índio ou no ribeirinho o “outro”?

Em terceiro lugar, gostaríamos de levantar algumas questões sobre o “coração” da Amazônia, ou seja, toda uma região cercada pelo arco de rodovias que ligam Belém-Brasília-Cuiabá-Porto Velho-Rio Branco. Toda esta imensa região, onde os fluxos são dados pela via fluvial está, com poucas exceções, imune aos grandes projetos agropecuários, mínero-metalúrgicos, e de certa forma imune aos conflitos<sup>4</sup>. Diferente de sua periferia, a ação do Es-

(4) Os conflitos que estão se difundindo nesta Amazônia são muito mais por água que por terra. São conflitos que envolvem basicamente ribeirinhos, na defesa de lagos, e barcos pesqueiros.

tado e do capital nesta área são praticamente nulas. Com o acesso dado somente por via fluvial, o uso da terra, a especulação, a grilagem, dão outro caráter à valorização da mesma. Ainda que apropriada em sua totalidade, as relações sociais existentes em nada se assemelham à outra Amazônia.

Ocupada centenariamente por milhares de ribeirinhos, que aí produzem, reproduzem-se, circulam e consomem, sua existência é praticamente mascarada, ou fica na sombra, porque não se constituíram, para o discurso hegemônico, enquanto foco ou vítima da ação dos atores dominantes. Somente o índio emerge, e não seus descendentes. A ausência de confronto ou de conflito os exclui como parcela componente dos atores sociais da Amazônia. Esquecê-los é o mesmo que assumir o discurso do vazio amazônico.

Entender esta Amazônia onde a ação do Estado e do capital são insignificantes exige mais do pensamento crítico, até porque não há evidências na paisagem, como uma hidroelétrica, uma rodovia, uma fazenda, uma mineração, etc., que demonstrem o saque, à expropriação. Como o discurso está muito preso a terra, sua posse, sua disputa, seu uso, seja como reserva de valor, meio de produção ou meio de sobrevivência, há uma certa dificuldade de apreender a importância da água na Amazônia. Água enquanto recurso produtivo, inapropriável, socializada, via de circulação, “modeladora” da paisagem; água que leva terra e que produz terra<sup>5</sup>. Vive-se dela e mesmo sobre ela. Basta ver o singular papel das casas e mercearias flutuantes (sobre toras de árvores) em quase todos os rios e lagos da região, funcionando como ponto de apoio para abastecimento, troca de produtos, ponto de referência para os ribeirinhos, ponto de transbordo para outras localidades não atingidas pelos barcos de linha. Com certeza não envelheceu a observação feita por MORAIS em 1906: “Os defuntos vão pra cova embarcados, embarcados vão os noivos, os padeiros, as procissões, os caçadores, os comerciantes, os trabalhadores, os eleitores, os namorados, os músicos. O

rio é a rua.” Esta condição pressupõe uma outra forma de produção do espaço, seu uso e circulação.

## TERRA DE CABOCLO

Se é a disputa pela terra na Amazônia que ganha destaque, por que não se disputam as terras férteis de várzea? Por que a massa de migrantes nordestinos e sulistas, os projetos de colonização e mesmo grandes grupos empresariais e fazendeiros “paulistas” não procuraram a várzea para ocupar? Tentamos encontrar uma resposta para cada segmento. Por um lado, os migrantes pobres, nordestinos e sulistas, além da impossibilidade de acesso por rodovia, culturalmente não comportam em seu modo de vida a combinação terra-água-floresta para reproduzir-se. Aqueles que migraram no surto da borracha e foram depois para a várzea, passaram por um longo processo de *caboclição*, deixando para seus descendentes o conhecimento sobre a terra – formas e período de plantio na várzea; a água – cheia, vazante, piracema, pesca, navegação, mitos, etc.; e a floresta – caças, resinas, sementes, raízes, madeiras, palhas, remédios, mitos, etc.

Quanto aos grandes grupos empresariais, ou “paulistas”, pensamos que o problema está na dificuldade de apropriação direta da renda diferencial, aquela oriunda da fertilidade natural dos solos ou de sua localização frente aos mercados. Assim, as terras de várzea, se por um lado são possuidoras de uma grande fertilidade em virtude do regime fluvial anual, por outro lado estão ainda longe do acesso rápido por rodovias. Isto gera outro problema para os capitalistas, que é a dificuldade de valorização da terra, reduzindo a ação de especula-

---

(5) Refiro-me aqui à dinâmica fluvial, pois ao mesmo tempo em que os rios produzem o fenômeno das “terras caídas”, reduzindo as propriedades daqueles que estão às margens dos rios, fazem surgir noutros lugares bancos de areias e praias que são usadas para o plantio.

dores e grileiros. Como falar aqui em terra enquanto reserva de valor? A questão é a dificuldade de constituição de enormes fazendas de gado devido às características físicas da várzea, quando largas faixas de até 100km de margem a margem são completamente inundáveis<sup>6</sup>.

As *terras de caboclo* impõem problemas à rápida valorização do capital investido. Para ele o significado do que há sobre ela ou sob a mesma em nada se assemelha ao significado posto pelos latifundiários e especuladores.

Para finalizar, devemos lembrar que a Amazônia vem ingressando de forma cada vez mais in-

tensa na divisão internacional do trabalho. Hoje a região exporta uma diversidade de produtos que vai de raízes, sementes, folhas e resinas até eletroeletrônicos, passando por minérios, madeiras e peixes, vivos e congelados. Não podemos, ainda, esquecer que estamos na maior bacia hidrográfica do mundo, responsável pelo escoamento de um quinto do volume de água doce do mundo, e que este importante recurso natural é limitado e desigualmente distribuído e consumido pelo globo. Poderá, então, não ser surpresa se em breve este recurso transformar-se em mercadoria e entrar, também, na pauta de exportação da região<sup>7</sup>. Por que não?

### BIBLIOGRAFIA

- BECKER, Berta. *Geopolítica da Amazônia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Amazônia*. São Paulo, Ed Ática, 1990.
- CARDOSO, F. e MULLER, G. *Amazônia: Expansão do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1978.
- GEOGRAFIA DO BRASIL, Região Norte, Vol.3. Rio de Janeiro, FIBGE, 1989.
- GONÇALVES, C. W. et alli. Infra-estrutura urbana e viária. In *Amazônia – Uma proposta interdisciplinar de educação ambiental*. Brasília, IBAMA, 1994.
- IANNI, Octavio. *Colonização e contra-reforma agrária na Amazônia*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1979.

- \_\_\_\_\_. *A luta pela terra*. 3ªed. Petrópolis, Vozes, 1981.
- MARTINS, J.S. *Expropriação e violência*. 2ªed. São Paulo, Hucitec, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A chegada do estrangeiro*. São Paulo, Hucitec, 1993.
- MORAIS, Raimundo. *Na planície amazônica*. 7ªed. Itatiaia, Edusp/1987.
- NOGUEIRA, Ricardo. *Amazonas: Um estado ribeirinho (Estudo do transporte de carga e passageiro)*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 1994.
- OLIVEIRA, Ariovaldo. *Amazônia: Monopólio, expropriação e conflitos*. Ed. Papyrus, 1987.
- PINTO, L. *Amazônia: no rastro do saque*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1980.

(6) Ver SOARES, Lúcio- Hidrografia. In *Geografia do Brasil*, vol. 3, Região Norte, IBGE.

(7) De certa maneira a água já sai da Amazônia na forma de alumínio, quando Tucuruí fornece energia barata às indústrias de alumínio.